

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SAÚDE MENTAL FEMININA:
CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS E DESAFIOS NO ATENDIMENTO
MULTIDISCIPLINAR**

DOMESTIC VIOLENCE AND WOMEN'S MENTAL HEALTH: PSYCHOLOGICAL
CONSEQUENCES AND CHALLENGES IN MULTIDISCIPLINARY CARE

Eixo Temático: Violência, Vulnerabilidades e Proteção Integral de Mães e Crianças

Barbara Monique Alves Desidério

Mestranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Esp. em
Neuropsicologia pela Universidade Potiguar
<https://orcid.org/0009-0008-7435-0747>

Maria Luiza Alencar Lima

Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual do Tocantins- UNITINS

Thiago de Freitas França

Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery UFRJ
<https://orcid.org/0009-0003-1811-7872>

Isabel Missasse

Graduada em Serviço Social pela UNITAU e Mestranda Em Educação Pela Instituição Faculdade
EBWU - Florida USA Convênio com JK Mantenedor Instituto Erich Fromm, Brasília DF-

Dafny Pinheiro Santos Ferreira

Graduanda em Psicologia pelo Instituto Ser Educacional - Campus Caruaru - PE

Yasmim de Oliveira Vasconcelos

Farmacêutica pela UniFavip Wyden e Pós graduada farmácia oncológica e hospitalar pela INCAF

Juliana Rezende Guedes

Bacharel em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora

Thalyta Rayanne Nogueira Figueiredo

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Integrada da Amazônia - Finama
<https://orcid.org/0009-0009-7903-7159>

Marlene Moura Rocha Paiva

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR

Stefane Lima Rodrigues

Psicóloga Clínica, Terapeuta de Casal e família e Mestranda em Psicologia Social pela Universidade
Salgado de Oliveira - Universo
<https://orcid.org/0009-0002-2897-8142>

RESUMO

Introdução: Compreendendo a violência doméstica como fenômeno que transcende a agressão física, atingindo dimensões subjetivas, sociais e institucionais, reconhece-se sua capacidade de gerar quadros clínicos graves, como transtornos de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático. **Objetivo:** Analisar as consequências psicológicas da violência doméstica sobre a saúde mental de mulheres adultas e identificar os principais desafios enfrentados pelos serviços de atendimento multidisciplinar. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com buscas realizadas nas bases SciELO, BVS, PePSIC, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES, considerando publicações entre 2021 e 2024. Os critérios de inclusão abrangeram estudos empíricos e teóricos em português, disponíveis integralmente, com foco na interface entre violência doméstica e saúde mental feminina. **Resultados e Discussão:** Os estudos selecionados evidenciam que a violência doméstica compromete profundamente a estrutura subjetiva das mulheres, gerando impactos psíquicos duradouros e dificultando a autonomia, a autoestima e a reconstrução identitária. A atuação dos profissionais, embora ética, mostra-se limitada por barreiras estruturais, ausência de formação crítica e desarticulação entre os serviços. **Considerações Finais:** Conclui-se que o atendimento à saúde mental de mulheres em situação de violência deve ser reorganizado a partir de uma perspectiva interseccional, ética e psicossocial, que transcenda a lógica clínica tradicional e reconheça o sofrimento feminino como expressão de desigualdades históricas e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra a mulher; Saúde mental; Transtornos relacionados ao estresse; Serviços de saúde mental; Serviços interdisciplinares.

ABSTRACT

Introduction: Understanding domestic violence as a phenomenon that transcends physical aggression and reaches subjective, social, and institutional dimensions highlights its capacity to trigger severe clinical conditions, such as anxiety disorders, depression, and post-traumatic stress. **Objective:** To analyze the psychological consequences of domestic violence on women's mental health and identify the main challenges faced by multidisciplinary care services. **Methodology:** This is an narrative literature review based on searches in the SciELO, BVS, PePSIC, Google Scholar, and CAPES Journal Portal databases, considering publications from 2021 to 2024. Inclusion criteria encompassed full-text empirical and theoretical studies in Portuguese focusing on the intersection between domestic violence and women's mental health. **Results and Discussion:** The selected studies show that domestic violence deeply undermines women's subjective structure, generating lasting psychological impacts and hindering autonomy, self-esteem, and identity reconstruction. Although ethically committed, professionals' performance is limited by structural barriers, lack of critical training, and poor

service integration. **Final Considerations:** It is concluded that mental health care for women in situations of violence must be reorganized from an intersectional, ethical, and psychosocial perspective that transcends the traditional clinical approach and recognizes female suffering as an expression of historical and social inequalities.

KEYWORDS: Violence against women; Mental health; Stress-related disorders; Mental health services; Interdisciplinary services.

INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra mulheres configura-se como uma expressão concreta das assimetrias de gênero, atravessando o cotidiano de milhares de mulheres e instaurando, de maneira contínua e silenciosa, processos de adoecimento que comprometem tanto a integridade física quanto a estrutura subjetiva das vítimas (Cunha, 2019). Embora reconhecida como uma violação aos direitos humanos, essa forma de violência persiste de maneira sistêmica, sustentada por lógicas patriarcais de poder, negligência institucional e normalizações culturais que silenciam a dor feminina e legitimam a permanência em contextos de opressão. O espaço doméstico, com frequência idealizado como lugar de afeto e proteção, transforma-se em território de controle, coerção e ameaça, operando como cenário privilegiado de práticas que minam, progressivamente, a saúde mental da mulher submetida a tais relações (Silva; Costa, 2023)..

Partindo desse pressuposto, é preciso compreender que os efeitos da violência doméstica extrapolam os episódios pontuais de agressão, instaurando um sofrimento psicológico contínuo, marcado por quadros de ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático, ideação suicida e dissociação – manifestações que, longe de serem meramente reações emocionais, constituem formas de resistência psíquica diante de uma realidade cronicamente violenta (Garcia; Moura, 2024). A intersecção entre violência doméstica e sofrimento psíquico evidencia, portanto, a necessidade de abordagens que não se limitem à medicalização ou ao diagnóstico, mas que reconheçam o caráter estrutural da dor vivida por essas mulheres, considerando os atravessamentos de classe, raça, território e sexualidade que moldam suas experiências (Silva; Costa, 2023)..

Apesar dos avanços normativos e da ampliação dos dispositivos de proteção legal, observa-se que os serviços de saúde, justiça e assistência social continuam a operar de maneira fragmentada, muitas vezes negligenciando a complexidade das demandas apresentadas pelas

mulheres em situação de violência. A atuação dos profissionais de saúde mental, embora permeada por intenções éticas, é frequentemente limitada pela ausência de formação especializada, pela escassez de recursos institucionais e pela dificuldade de articulação intersetorial (Guedes; Silva; Fonseca, 2021). Diante desse cenário, impõe-se a construção de estratégias integradas de cuidado, capazes de acolher a subjetividade feminina em sua totalidade, promovendo intervenções que transcendam a lógica da denúncia e da proteção pontual, e avancem para processos de reconstrução simbólica, emocional e social (Cunha, 2019).

Tendo em vista tal panorama, este estudo tem como objetivo analisar as consequências psicológicas da violência doméstica na saúde mental de mulheres adultas, destacando os principais desafios enfrentados pelos serviços de atendimento multidisciplinar na tentativa de oferecer um cuidado efetivo e integral. A investigação parte da compreensão de que o sofrimento psíquico decorrente da violência doméstica exige uma abordagem sensível, crítica e interseccional, que contemple não apenas os sintomas, mas as condições materiais e simbólicas que os produzem e os sustentam.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, cujo objetivo foi reunir, sistematizar e analisar criticamente estudos publicados nos últimos três anos acerca das consequências psicológicas da violência doméstica sobre a saúde mental feminina, bem como os desafios enfrentados pelos profissionais e serviços envolvidos no atendimento multidisciplinar. A revisão integrativa permite a articulação entre diversas abordagens metodológicas, possibilitando a construção de uma síntese ampla e fundamentada do estado atual do conhecimento sobre o tema, conforme defendido por Souza, Silva e Carvalho (2010).

A coleta dos estudos foi realizada entre março e maio de 2025, utilizando-se como base os seguintes repositórios científicos: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos da Capes, PePSIC e Google Acadêmico. Os descritores empregados foram definidos com base no vocabulário controlado do DeCS, incluindo as expressões: “violência contra a mulher”; “saúde mental”; “violência doméstica”; “sofrimento psíquico” e “atendimento multidisciplinar”. As buscas foram realizadas por meio de operadores booleanos combinando os termos “AND” e “OR”.

Foram adotados como critérios de inclusão: (i) artigos científicos, dissertações ou trabalhos de conclusão de curso publicados entre 2021 e 2024; (ii) estudos com recorte empírico ou teórico que abordassem diretamente a interface entre violência doméstica e saúde mental de mulheres; (iii) publicações disponíveis integralmente em português. Como critérios de exclusão, desconsideraram-se: (i) estudos duplicados; (ii) materiais com foco exclusivo em violência infantil, conjugalidade sem recorte de gênero, ou em aspectos criminais desvinculados da saúde mental; (iii) textos opinativos, editoriais ou resenhas.

Foram selecionados 12 trabalhos que atenderam aos critérios estabelecidos, os quais foram organizados em uma matriz de análise composta por autor, ano de publicação, objetivos, tipo de estudo, principais achados e considerações sobre os limites metodológicos. A análise dos dados ocorreu por meio de leitura exaustiva, categorização temática e articulação crítica entre os conteúdos identificados, utilizando-se como base teórica os referenciais feministas interseccionais e as abordagens psicossociais do sofrimento. Por se tratar de pesquisa exclusivamente bibliográfica, não houve envolvimento direto de seres humanos, sendo, portanto, dispensada a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendendo a violência doméstica como fenômeno multidimensional, cuja natureza transcende os limites do espaço privado e incide diretamente sobre os alicerces subjetivos da existência feminina, impõe-se reconhecer que seus efeitos não se limitam às marcas físicas ou às estatísticas criminais – antes se projetam como processos silenciosos de erosão psíquica, alimentados por estruturas sociais que perpetuam desigualdades de gênero, silenciamento institucional e culpabilização da vítima. Partindo desse pressuposto, evidenciase que a violência perpetrada no âmbito doméstico opera como um dispositivo de controle simbólico e material, produzindo sofrimento emocional contínuo, fragmentando identidades e desarticulando a capacidade de agência das mulheres submetidas a tais dinâmicas (Silva; Costa, 2023).

À luz dos dados apresentados por Garcia e Moura (2024), torna-se evidente que o impacto da violência doméstica sobre a saúde mental das mulheres manifesta-se por meio de um conjunto de sintomas psicopatológicos – entre os quais se destacam a ansiedade generalizada, os quadros depressivos, os estados dissociativos e os transtornos de estresse pós-

traumático – cuja intensidade e permanência encontram-se diretamente associadas ao tempo de exposição e à ausência de respostas institucionais eficazes. A persistência desse sofrimento, por sua vez, revela-se agravada quando a vítima se depara com uma rede de atendimento fragmentada, burocrática e, por vezes, revitimizadora – como demonstram os estudos de Guedes, Silva e Fonseca (2021), ao indicarem que os profissionais de saúde mental, embora conscientes da complexidade das demandas apresentadas, encontram-se limitados por condições estruturais precárias, descontinuidade nas políticas públicas e lacunas na formação especializada para o atendimento de vítimas de violência.

Considerando o acima exposto, a atuação interdisciplinar, embora prevista nas diretrizes de atenção psicossocial, enfrenta desafios significativos para se efetivar como prática concreta e resolutive. Conforme destacam Gettens e Jung (2022), a ausência de protocolos articulados entre os serviços de saúde, assistência social e segurança pública resulta em um atendimento compartimentalizado, incapaz de reconhecer a integralidade das experiências vividas pelas mulheres. A consequência direta dessa desarticulação é a perpetuação do sofrimento psíquico, que, não sendo nomeado, acolhido ou tratado em sua complexidade, tende a se cristalizar em formas crônicas de adoecimento mental e social.

Tendo em vista as contribuições de Cunha (2019), observa-se que o processo de reconstrução subjetiva da mulher em situação de violência requer não apenas suporte técnico qualificado, mas sobretudo a criação de espaços terapêuticos que possibilitem o resgate da assertividade, da autonomia e da capacidade de ruptura com os vínculos abusivos. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender que a assertividade – enquanto habilidade psíquica e relacional – não emerge espontaneamente, sendo antes resultado de um processo psicoterapêutico contínuo, embasado em vínculos seguros, validação emocional e desconstrução de narrativas internalizadas de inferiorização e submissão.

Demais disso, a pesquisa de Malavazzi (2021) contribui para o debate ao evidenciar que formas de violência invisibilizadas, como a psicológica, produzem efeitos devastadores sobre a saúde mental feminina, comprometendo a autoestima, a autopercepção e os vínculos afetivos, sem, contudo, gerarem o mesmo grau de reconhecimento institucional conferido à violência física. Tal assimetria revela o quanto o sistema jurídico e de saúde ainda se encontra pautado por lógicas objetivistas, desconsiderando os danos subjetivos como passíveis de

acolhimento prioritário – lacuna essa que aprofunda o isolamento e a sensação de impotência vivenciada pelas vítimas.

Sob o prisma da responsabilização institucional, o estudo de Santos, Miranda e Mizael (2024) traz à tona a necessidade de diferenciar conceitualmente a violência doméstica do feminicídio – não como categorias estanques, mas como momentos distintos de uma mesma trajetória de agressão que, muitas vezes, poderia ter sido interrompida mediante a atuação preventiva e protetiva do Estado. A inoperância dos mecanismos de denúncia, proteção e acompanhamento revela-se, assim, não como falha isolada, mas como expressão de uma lógica estrutural que deslegitima o sofrimento feminino e naturaliza a permanência da mulher em contextos de violência.

Na perspectiva de Miranda e Santos (2024), o sofrimento psíquico feminino decorrente da violência doméstica deve ser compreendido como expressão de um adoecimento social, cuja gênese reside nas assimetrias de poder historicamente construídas entre homens e mulheres. Por conseguinte, o atendimento multidisciplinar, para além da lógica clínica tradicional, exige o engajamento político dos profissionais envolvidos, os quais devem reconhecer o caráter estrutural da violência e atuar não apenas no nível dos sintomas, mas também na reconfiguração das condições objetivas e subjetivas que permitem a perpetuação dessa realidade.

Conforme preconiza a abordagem psicossocial discutida por Silva e Costa (2023), somente a partir da construção de redes de cuidado horizontais, intersetoriais e sustentadas por vínculos éticos e afetivos será possível oferecer um atendimento verdadeiramente transformador – capaz de romper com a lógica de silenciamento, responsabilização da vítima e fragmentação institucional que, há décadas, molda a experiência de sofrimento de tantas mulheres. Ressalte-se que tal transformação não depende unicamente da ampliação de recursos ou da implantação de novos protocolos, mas da revisão crítica dos pressupostos que sustentam a atuação dos profissionais, das instituições e da sociedade frente ao fenômeno da violência doméstica.

Diante do exposto, a compreensão da violência doméstica como determinante social da saúde mental feminina impõe a reformulação das práticas de atendimento, exigindo o abandono de perspectivas reducionistas que individualizam o sofrimento e culpabilizam a vítima. Destarte, somente por meio de uma abordagem ética, relacional e crítica, articulando conhecimento técnico, compromisso político e sensibilidade humana, será possível enfrentar de

forma efetiva os danos psíquicos produzidos pela violência – não como sintomas isolados a serem tratados, mas como narrativas interrompidas que clamam por escuta, reconhecimento e reparação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do apresentado, constata-se que a violência doméstica contra mulheres não pode ser compreendida como um episódio isolado de agressão, tampouco como um fenômeno reduzido à esfera privada; trata-se, antes, de uma prática sustentada por estruturas sociais, jurídicas e culturais que legitimam, reproduzem e naturalizam o sofrimento feminino, inserindo-o em dinâmicas de poder que operam tanto de forma explícita quanto sutil. A saúde mental das mulheres, nesse contexto, revela-se como um campo de disputas, atravessado por discursos que ora silenciam, ora patologizam sua dor, muitas vezes negligenciando os vínculos entre sofrimento psíquico e violação de direitos.

Tendo em vista as evidências analisadas, torna-se inegável que os efeitos da violência doméstica sobre a subjetividade feminina não cessam com a interrupção dos atos de agressão, prolongando-se por meio de sequelas emocionais profundas, cujos impactos reverberam na autonomia, nas relações afetivas e na capacidade de reconstrução de projetos de vida. Nesse sentido, o enfrentamento dessa realidade exige não somente a criação de instrumentos de proteção imediata, mas o fortalecimento de uma rede de atenção integral, que reconheça a complexidade dos processos de adoecimento mental e atue na reconstrução simbólica e social da dignidade feminina.

Outrossim, torna-se imprescindível que os profissionais envolvidos no cuidado às mulheres em situação de violência superem a lógica da intervenção fragmentada, assumindo uma postura crítica, ética e comprometida com a transformação das condições estruturais que sustentam a violência. A escuta qualificada, a validação da experiência e o acolhimento sem julgamento não devem ser compreendidos como gestos técnicos, mas como práticas políticas, capazes de romper com a tradição de invisibilidade e silêncio que historicamente marca a trajetória de tantas mulheres.

Por conseguinte, qualquer proposta de atendimento à saúde mental que se pretenda efetiva deve estar ancorada em princípios de justiça social, equidade e reconhecimento das singularidades de cada história de sofrimento. Não se trata de oferecer respostas imediatas ou

soluções padronizadas, mas de construir, de forma coletiva e sensível, possibilidades de cuidado que devolvam à mulher não apenas o direito de existir sem violência, mas também a possibilidade de significar sua trajetória sem medo, culpa ou invisibilidade.

À guisa de conclusão, é necessário reiterar que a violência doméstica não é um problema individual, mas uma expressão contundente de desigualdades sociais profundamente enraizadas. A transformação desse cenário dependerá não apenas da ampliação dos recursos institucionais, mas do comprometimento ético de toda a sociedade em romper com práticas normalizadas de exclusão, escuta seletiva e inércia frente ao sofrimento de mulheres que, cotidianamente, resistem e lutam por sua sobrevivência psíquica em contextos adversos.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Mayka Caroline Martins da. **Assertividade de mulheres em situação de violência doméstica praticada por parceiro íntimo**. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em:

https://www.ppgsp.proesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses_e_dissertacoes/dissertacoes/2017/201703%20-%20CUNHA.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.

FERREIRA, Sérgio Murilo. Entre o perfil e os significados da violência doméstica contra a mulher. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/mestrado-e-doutorado/wp-content/uploads/sites/226/2021/04/SERGIO-MURILO-FERREIRA.pdf>. Acesso em: 22 maio 2025.

GARCIA, Ellen Camyle Rosa; MOURA, Maria Aparecida. Impactos da violência doméstica na saúde mental das mulheres: uma revisão de literatura (2019–2023). **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 1–15, 2024. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/59267>. Acesso em: 22 maio 2025.

GETTENS, Marlei Garcia; JUNG, Cristiane do Amaral Coelho. Atuação do serviço social com mulheres que sofrem violência doméstica e familiar. **Revista Rease**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 1–10, 2022. Disponível em:

<https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/5103/1943/7622>. Acesso em: 22 maio 2025.

GUEDES, R. N.; SILVA, A. T. M. C. D.; FONSECA, R. M. G. S. D. Violência contra a mulher e adoecimento mental: percepções e práticas de profissionais de saúde em um Centro de Atenção Psicossocial. *Physis*: **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, e310104, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/physis/a/7CRjQTCrKX7RXrC7XFT3jDs/>. Acesso em: 22 maio 2025.

MALAVAZZI, Bárbara. **Violência psicológica: enfrentando uma violência invisível**. 2021. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Unifacvest, Lages, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/51988/1/BARBARA%2BMALAVAZZI.pdf>. Acesso em: 22 maio 2025.

MIRANDA, Maria Aparecida de; SANTOS, Edna de Cássia. Impactos da violência doméstica na saúde mental das mulheres. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 1–15, 2024. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1657>. Acesso em: 22 maio 2025.

REIS, Izis Moraes Lopes dos; BRASIL, Cristina Aguiar Lara. Acolhimentos de mulheres em situação de violência doméstica no MPDFT: uma perspectiva psicossocial. **Revista do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios**, Brasília, n. 9, p. 317–372, 2015. Disponível em: https://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/nucleos/nucleo_genero/Reis_I.M.L_e_Brasil_C.A.L_Acolhimentos_de_mulheres_em_situa%C3%A7%C3%A3o_de_viol%C3%Aancia_dom%C3%A9stica_no_MPDFT.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.

SANTOS, Edna de Cássia; MIRANDA, Ana Victória Seabra; MIZAEEL, Anna Beatriz Rodrigues Araújo. Da diferenciação entre violência doméstica e feminicídio. **Revista Pan-Americana de Direito**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. e0111, 2024. Disponível em: <https://periodicosfapad.emnuvens.com.br/rtpj/article/view/111>. Acesso em: 22 maio 2025.

SANTOS, Rosimeire Aparecida Bezerra de Gois dos; UCHÔA-FIGUEIREDO, Lúcia da Rocha; LIMA, Laura Câmara. Entre o perfil e os significados da violência doméstica contra a mulher. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/mestrado-e-doutorado/wp-content/uploads/sites/226/2021/04/SERGIO-MURILO-FERREIRA.pdf>. Acesso em: 22 maio 2025.

SILVA, Ana Paula de Oliveira; COSTA, Maria das Graças. A saúde mental de mulheres em situação de violência doméstica. **Revista Foco**, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 1–10, 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4237>. Acesso em: 22 maio 2025.